

O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO NO CIBERESPAÇO¹

Robson Santos da CONCEIÇÃO²
Universidade Federal de Sergipe, SE

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o processo de desterritorialização no ciberespaço. A partir desse contexto, percorre-se as definições fundamentais para considerar o ciberespaço como criador de novas territorializações. Neste sentido, surge a problemática de vinculação dos conceitos de desterritorialização, virtualidade, espaço e território para melhor compreensão do ciberespaço e suas possibilidades e limites no processo de construção de territorialização. Para isso, foram utilizados os fundamentos teóricos de autores que têm o ciberespaço e a desterritorialização como objeto investigativo, como Lévy (1999), Santos (1997) Haesbaert (2007 e 2009).

PALAVRA-CHAVE: Território; Territorialidade; desterritorialização; multiterritorialidade; ciberespaço.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, a sociedade vem passando por transformações, essas mudanças por sua vez são oriundas do processo da globalização que diminuiu os espaços geográficos impulsionando o enfraquecimento das fronteiras tanto na dimensão físico-territorial como na dimensão simbólica. Isto tem como consequência iminente o que francês Bertrand Badie em seu livro "O fim dos territórios" de 1995, chamou de desterritorialização. Porém este processo vai, além disso, pois com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação no século XX, especialmente da informática que faz surgir os chamados múltiplos territórios virtuais ou multiterritorialidade.

Pretende-se com o presente trabalho abordar de forma conceitual a questão da desterritorialização no ciberespaço, para fundamentar a discussão, percorrem-se conceitos principais sobre território, espaço, desterritorialização, territorialidade e multiterritorialidade, fazendo ligações do espaço virtual. Para partilha de essa interação analisar o ciberespaço como sendo um dos processos de territorialização que faz surgir a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunidade, Cultura e Internet), evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante de graduação 6º semestre do curso de Pedagogia da UFS-SE, E-mail: robsoncapela@yahoo.com.br.

multiterritorialidade.

É importante frisar que a noção de desterritorialização e multiterritorialização aqui apresentadas no ciberespaço nada é mais que novas reterritorializações. Sendo também uma tendência do ciberespaço de criar territorialização. Nessa perspectiva, haverá também a consideração de virtualização como suporte teórico para fundamentar a abordagem.

2. CONCEITUALIZAÇÃO DE TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, ESPAÇO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E MULTITERRITORIALIDADE

É importante frisar que antes de conceituar desterritorialização e multiterritorialidade são necessários, em primeiro lugar, definir e entender o que são território e territorialidade. Da mesma forma, deve-se diferenciar espaço e território, conceitos constantemente confundidos. Então, para melhor compreender o conceito de território iniciaremos com a visão de Johnston (1994):

Território é um termo geral utilizado para descrever uma porção do espaço ocupado pela pessoa, grupo ou Estado. Quando associado com o Estado o termo tem duas conotações específicas. A primeira é aquela da soberania territorial, através da qual um Estado reivindica controle de legitimidade exclusivo sobre uma dada área definida por fronteiras claras. A segunda conotação refere-se ao fato de que uma área não está inteiramente incorporada na vida política de um Estado, como acontece com o território colonial do Nordeste da Austrália, ou os territórios do norte do Canadá. Deste ponto de vista, o território pode ser utilizado como o equivalente a cada conceito espacial como a região. Johnston (1994, p. 620).

Dessa forma, podemos afirmar que juridicamente o território no Estado é a base que geograficamente exerce e abrange elementos físicos e sociais. Aprofundando sobre essa questão Haesbaert (2009, p. 40), o território pode ser conceituado em três formas levando-se em conta três vertentes de análise: política, cultural e econômica.

Percebe-se que a categoria geográfica território está ligada diretamente com o poder político jurídico, econômico e simbólico-cultural. Segundo Martini e Gaudio (2010, p. 11) território "é entendido como uma associação entre espaço geográfico e sua apropriação e/ou dominação".

Partindo disso, o espaço assim como o lugar e o território, é, sobretudo uma construção das relações humanas. O espaço segundo Alves (2005, p. 233) "é produto das relações entre os homens e dos homens com a natureza, e ao mesmo tempo são fator que interfere nas mesmas relações que o constituíram. O espaço é, então, a materialização das relações existentes entre os homens na sociedade".

Já Santos (1997) descreve o espaço como uma relação dinâmica, composta pelos sistemas de objetos e os sistemas de ação. Os sistemas de objetos constituem o que chama de “fixos”; os sistemas de ação seriam os “fluxos”. Os fixos são elementos aos quais se atribui uma característica (uma árvore, um computador, um personagem mítico); os fluxos consistem nas informações que circulam com base nos fixos, que lhes servem de referência e catalisação (a variação de temperatura, uma página web dinâmica). Fixos e fluxos tornam o espaço um elemento que remete ao lugar. São eles que, a cada momento, redefinem e recriam as condições ambientais e sociais de cada lugar.

Neste contexto, os indivíduos se percebem neste território, notando as representações da sua territorialidade.

Neste sentido que conclui Badie (1995):

O fim das mediações territoriais pode anunciar também o surgimento de uma mundialização frustrada e não conduzida diretamente nem à emancipação do indivíduo nem à construção de uma sociedade mundial. A espera desses dois objetivos supõe que a dimensão universalista, que era outrora portadora do princípio de territorialidade, seja reinvestida em outra direção: que o respeito do outro se torne um valor transnacional, num momento em que nenhuma instituição possui os meios de impo- ló pelo constrangimento. Badie (1995, p. 257- 258).

Diante disso, o sociólogo francês Bertrand Badie (1995), apresenta em seu livro "O Fim dos Territórios" o debate sobre desterritorialização apatia do conceito de território e rede.

As redes de relações tornam a maioria das vezes o lugar dos suportes territoriais, para cumprir funções de controle social e político. Não estamos muito longe de determinados aspectos da desterritorialização que ocorre nas sociedades modernas pós-industriais. Badie (1995, p. 93).

No centro desta visão, surge um paradoxo de monta. Cada vez menos organizada politicamente, esta sociedade mundial assumiria a ao mesmo tempo, uma desterritorialização que conduziria a erigir os problemas de cada um em problemas de todos.

Assim sendo, Haesbaert (2009, p.19) apresenta o conceito de multiterritorialidade como “uma alternativa conceitual dentro do processo denominado por muitos de desterritorialização”. Neste sentido, para Haesbaert a desterritorialização é visto como um mito, e sendo que um indivíduo pode transitar entre múltiplos territórios e múltiplas territorializações. O autor (2009, p. 270) ainda afirma que "os processos de territorialização e desterritorialização só podem se der através de uma perspectiva permanentemente conjugada entre elas”.

3. CIBERESPAÇO E A DESTERRITORIALIZAÇÃO

A palavra ciberespaço ou espaço virtual foi criado por William Gibson em 1984, em seu livro *Neuromancer*, o termo designava as redes digitais, onde os personagens eram capazes de entrar nesse espaço fisicamente para serem livre e assim viverem todos os tipos de aventuras. O ciberespaço pode ser compreendido como um espaço dinâmico de informações carregadas de significados que se entrelaçam de maneira que nos levem para novas informações. Nesta perspectiva de análise, Lévy (1999, p. 94) apresenta a definição do ciberespaço como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores". De forma mais específica o autor conceitua o ciberespaço.

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo específico não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Lévy (1999, p. 17).

Neste sentido, o Ciberespaço é o espaço formado por um diálogo e linguagem recíproca entre o homem e a máquina. E ele somente acontece por através de um software, este por sua vez é responsável por leituras e interpretações dos códigos na máquina. Portanto, sendo a base em uma comunicação geradora de infinitas possibilidades interativas.

Pode-se afirmar que o ciberespaço diz respeito a uma forma de virtualização informacional em rede. Por meio da tecnologia, os homens, mediados pelos computadores, passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade virtual. Trata-se de um espaço que não existe fisicamente, mas virtualmente. De certa forma isto levaria a uma espécie de desterritorialização pelo ciberespaço. Haesbaert (2009, p. 268) ressalta que "cabe então discutir não só a dimensão física- territorial, mas também a dimensão simbólica ou, neste caso, virtual, característica marcante das sociedades de controle". Tratar-se não somente de uma zona ou área delimitadas pelas fronteiras, mas um espaço em que os territórios, nas suas dimensões concreta e funcional, vão adquirindo outros sentidos.

Para Lévy um dos principais autores que descreve sobre a desterritorialidade no ciberespaço, a virtualização seria a essência, ou seja, o ponto fundamental, o qual ele define como:

A virtualidade pode ser definida como o movimento inverso da atualidade. (...) A virtualidade não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma solução). (...) a virtualidade fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. (...) A virtualidade é um dos principais vetores da criação de realidade. Lévy (1996, p. 17 e 18).

Para Lévy (1999, 49) “é virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. Para esse autor a desterritorialização equivaleria a desmaterialização, o que para Haesbaert (2007, p. 273) é um problema, "pois embora nem todo elemento imaterial seja virtual, todo virtual é não-material". Isto faz com que tanto o processo da virtualidade quanto o ciberespaço sejam vistos apenas como uma das diferentes características ou formas de manifestação da dinâmica de desterritorialização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que foi descrita é a respeito desterritorialização e de que forma se dá no ciberespaço. Neste ponto, o ciberespaço, que inicialmente não era constituído de lugares, hoje pode conter vários ciberlugares, graças a novas tecnologias, conforme a marca que o ser humano vai imprimindo em sua passagem por determinadas porções do ciberespaço.

Outro fator importante é que se pode considerar que o Ciberespaço é um ambiente de interação que constituiu um espaço/território, sendo assumido como a atualização do nosso espaço. Neste sentido a virtualidade é vista como a essência do ciberespaço e legitimar este território significam apoderar-se dele, de suas ferramentas e espaços e modifica- lós conforme a vontade do todos que fazem parte dele. Entretanto, o virtual não substitui o ‘real’, e sim multiplica as oportunidades para atualizá-lo. Dessa forma, o ciberespaço é um espaço desterritorialização que cria formas de territorialização ao mesmo tempo é um espaço reterritorialização. Visto que à medida que estamos "desterritorializando", ou seja, fragilizando nossos territórios, na verdade estamos reterritorializando este território.

Por tudo isso, a desterritorialização não representa o "fim do território" nem tão pouco é um fenômeno pós-moderno, nada é mais que uma reterritorialização em seu

sentido relacional e espacial e que sempre existiu na história das sociedades. Para Haesbaert (2009, p. 367) este discurso de desterritorialização tem um pano de fundo que "é o movimento neoliberal que prega o "fim das fronteiras" e o "fim do Estado" para a livre atuação das forças do mercado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, Cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F.(org.) A geografia na sala de aula. 1999. In: DUARTE, M. de B. (et all). **Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia**. Revista eletrônica: Caminhos de Geografia, vol. 6, n.º 16. Artigo 17. pp. 190-196. Minas Gerais: Instituto de Geografia/UFU. 2005. Disponível em: <www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/viewissue.php?id=43>. Acesso em 10 mar. 2024.

BADIE, B. **O fim dos territórios**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 2007.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

GIBSON, W. **Neuromancer**. Trad. de Alex Antunes (baseada na tradução da 1ª ed. de Maya Sangawa e Silvio Alexandre). 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

JOHNSTON, R. J. et al. (eds.) (1994): **The Dictionary of Human Geography**. Oxford (Blackwell). ISBN 0-631-10721-5 (5th edition published in 2009).

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINI, Alice de; GAUCIO, Rogata Soares Del. **Geografia, 2º ano: ensino médio**- 2. ed. São Paulo: IBEP, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.